

notícias

Dançar Direitos Humanos



Fotografia | © DR

Já se tornou hábito todos os anos, por altura do 10 de Dezembro, dia internacional dos Direitos Humanos, o Mosaiko assinalar a data em que se adoptou a Declaração Universal dos Direitos Humanos com uma celebração especial. Este ano não foi diferente e contou com uma proposta cultural inusitada: juntar a dança contemporânea e tradicional aos Direitos Humanos.

Após uma oficina de dança orientada pelo bailarino de dança contemporânea, António Sande, que durou um mês, sete bailarinos amadores interpretaram e incorporaram os direitos humanos para apresentar em quatro ambientes diferentes, nas instalações do Mosaiko. O espectáculo aconteceu no passado dia 10 de Dezembro, no início da tarde perante colaboradores, parceiros e amigos como a embaixadora da União Europeia, Jeannette Seppen.

Texto: Mandele Rocha

Construindo Cidadania

Rádio Ecclesia | 97.5 FM
ZAP | Canal 504

Sábado
às 08H30



MOSAICO **inform**⁵³

INFORMAÇÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS
E O TRABALHO DO MOSAICO | INSTITUTO PARA A CIDADANIA



MIGRANTES E REFUGIADOS



Estória das Histórias - Pág. 08
TODOS SÃO MIGRANTES



Entrevista - Pág. 10
PRECONCEITO COM A PESSOA



Reflectindo - Pág. 18
O MEDO DO OUTRO



MOSAICO inform

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

MOSAICO | Instituto para a Cidadania

NIF: 5000359718

Nº DE REGISTO: MCS – 492/B/2008

DIRECÇÃO

Júlio Candeeiro, op
Pedro Ouana, op

SUPERVISÃO

Verónica Pereira

REDACÇÃO

Mandele Rocha
Sara Kambinga

IMAGEM DE CAPA

Direitos Reservados

COLABORADORES

Bunga Filipe
Cecília Prudêncio
Luis Eduardo Cruz-Pinto
Patrícia Luceño

DESIGNER GRÁFICO

André Cupessala

CONTACTOS

Bairro da Estalagem - Km 12 | Viana
TM: (00244) 912 508 604
TM: (00244) 929 775 815
Caixa Postal 2304 - Luanda | Angola
E-mail: mosaiko@mosaiko.op.org
www.mosaiko.op.org
Facebook: Mosaiko

IMPRESSÃO

Damer Gráficas, S.A.

TIRAGEM: 2500 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Os artigos publicados expressam as opiniões dos seus autores, que não são necessariamente as opiniões do Mosaiko | Instituto para a Cidadania.

COM O APOIO

MISEREOR
• IHR HILFSWERK

índice

MOSAICO INFORM Nº 53 - DEZEMBRO 2021
TEMA: MIGRANTES E REFUGIADOS

- PÁG. 03 *editorial*
Todos somos migrantes e refugiados
- PÁG. 04 *informando*
Refugiados: Crise Mundial e Drama Humano
- PÁG. 08 *estórias da história*
Todos são Migrantes
- PÁG. 09 *figura em destaque*
Baba Njai
- PÁG. 10 *construindo*
Confluências Migratórias: Caso México
- PÁG. 14 *entrevista*
"O Preconceito com a Pessoa Refugiada ainda é Grande"
- PÁG. 18 *reflectindo*
O Medo do Outro
- PÁG. 20 *notícias*
Dançar Direitos Humanos

“

NENHUM SER HUMANO É ILEGAL

”

Elie Wiesel



editorial

Todos somos migrantes e refugiados

Júlio Gonçalves Candeeiro, *op*
Director Geral

Fotografia: © André Cupessala

Estimado leitor/a

Um dos mandatos da Liga das Nações foi tratar da segurança e da Paz Global através, por exemplo, de apoios às pessoas que dentro e fora da Europa se deslocaram das suas terras na sequência da guerra mundial. Quando a Convenção da ONU foi adoptada, em 1951, o Alto Comissariado para os Refugiados (ACHNUR) controlava cerca de um milhão de refugiados.

Actualmente e segundo o relatório “Tendências Globais” do ACHNUR, em finais de 2021, o número de pessoas deslocadas por guerras, violência, perseguições e violação dos direitos humanos chegou a 89,3 milhões (um crescimento de 8% em relação a 2020 e bem mais que o dobro há dez anos).

Do ponto de vista conceitual, esta edição não distingue o refugiado e o migrante da pessoa deslocada interna por ambos serem vítimas de violações de direitos como a não discriminação, a liberdade de movimentação, bem como, o direito à participação na vida do país.

Em Angola, os refugiados e migrantes continuam a lamentar a falta de documentação o que garante estatuto e segurança jurídica. A maioria, em especial os que vivem em zonas fronteiriças, são vítimas de constantes interpelações dos agentes da ordem e segurança.

Ora o Papa Francisco, na sua mensagem sobre o Dia Mundial do Refugiado e Migrante, convidou a humanidade a construir o futuro juntos. Em Angola e em muitas partes do mundo, os estigmas e preconceitos têm dificultado a inclusão destas pessoas e assim, o país perde a oportunidade de integrar mentes e forças para acelerar o seu desenvolvimento.

Há uma narrativa excludente que marginaliza os migrantes e refugiados, sobretudo do hemisfério sul, tidos como “desqualificados e oportunistas”, portanto uma “ameaça” ao hemisfério norte, quando na verdade o êxodo dos povos do sul é resultado de políticas económicas e financeiras parasitárias que sustentam o sucesso de uns com o empobrecimento de outros.

Para um futuro comum, falta-nos admitir que todos, sem excepção, somos migrantes, aliás sempre fomos.

Boa leitura!

Por uma Angola melhor

**MO
SAI
KO**
INSTITUTO
PARA A
CIDADANIA

Guiado por um forte compromisso social, tem como objectivo o respeito pela *dignidade humana* e o *desenvolvimento da sociedade angolana*, a partir do contributo de todos e de cada um(a).

Mosaiko_ Instituto para a Cidadania

99 subscritores

Subscrito

INÍCIO
VÍDEOS
SHORTS
EM DIRETO
PLAYLISTS
CANAIS
ACERCA DE
🔍

Playlists criadas

Género e Direitos Humanos

Ver playlist completa

ANGOLA É COM MULHERES E HOMENS - Infografia

Ver playlist completa

Conferência Internacional sobre Género e Políticas Públicas

Ver playlist completa

Subscreva no nosso canal do youtube

informando

REFUGIADOS: CRISE MUNDIAL E DRAMA HUMANO

“Uma crise cujos autores não declarados ou incriminados, são enriquecidos pela pobreza da maioria da população mundial.”

Em Fevereiro passado, grande parte do mundo começou a tremer com a entrada das tropas russas na Ucrânia. Desde a Segunda Guerra Mundial, poucos conflitos se deram em solo europeu. A Guerra Fria deslocou as disputas entre grandes potências para cenários menos perigosos para os que tomam as decisões; a desprezível denominação que se expandiu nas sociedades ocidentais para se referir a estes cenários: “Terceiro Mundo”, deixa poucas dúvidas sobre o sistema concebido. Dessa forma, ao tentar garantir direitos básicos comuns a todos os povos, o colonialismo caduco, passou a ser imperialismo para ratificar o que já era: uma ferramenta perfeita para usar as riquezas naturais e humanas das regiões mais maltratadas como base do nível de vida de luxo dos países do Norte. Hoje, chama-se globalização.

Após alguns meses de conflito, ficou claro que para a União Europeia (UE) existem pessoas de primeira e segunda classe. A crueldade das regulamentações migratórias que se aplicam a quem vem de África, Médio Oriente e Sul da Ásia transformou o Mar Mediterrâneo num cemitério de vidas e nomes que parecem não importar.

A Organização Internacional para as Migrações tem evidências de mais de 20 mil mortos de 2014 a Mar-

ço de 2020. Esta tragédia humana contrasta com a extensa lista de facilidades oferecidas aos refugiados ucranianos (brancos) que migraram para a parte ocidental do continente. E eu realço a palavra brancos porque a dura realidade é que a fronteira com a Polónia obstaculizou e inclusive, impediu a passagem de uma multidão de pessoas racializadas, convertendo o asilo num privilégio em vez de um direito. Não é a primeira vez que ocorre: desde o Verão de 2021, o país contou com a ajuda da União Europeia para reforçar a fronteira com a Bielorrússia, onde refugiados sírios, afegãos e curdos foram abandonados à sua sorte.





Fotografia | © DR

Este duplo padrão mostra o racismo e a aporofobia que assola a implementação da legislação internacional, brilhante e promissora no papel, mas dolosa no seu incumprimento. Apesar do que a Convenção dos Refugiados de 1951 e o Pacto Mundial sobre os Refugiados fornecerem a estrutura legal e as ferramentas necessárias para garantir a sua segurança e bem-estar, muitos deslocados estão abandonados à própria sorte.

Claramente, é necessário que isto mude. Não só porque estas pessoas são dignas de atenção, segurança e esperança, mas também porque as previsões apontam para uma tendência ascendente. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), no final de 2020, no mundo havia 82,4 milhões de pessoas deslocadas à força; Dez anos antes eram 40,1. Às duras circunstâncias que os levam a deslocar-se, há que somar incontáveis

perigos que marcam o seu caminho, desde os riscos logísticos da viagem, até às máfias encarregues pela transferência.

O drama não termina aí. A realidade que enfrentam no destino não é a sonhada: desenraizamento, racismo, exclusão, dificuldade no acesso às autorizações de regularização... Incluindo o seu confinamento em centros de detenção de estrangeiros: prisões onde estão detidas pessoas que não cometeram nenhum crime, mas simplesmente por não terem os documentos necessários para a residência.

“A realidade que enfrentam no destino não é a sonhada: desenraizamento, racismo, exclusão, dificuldade no acesso às autorizações de regularização...”



Fotografia | © DR

REFUGIADOS: CRISE MUNDIAL E DRAMA HUMANO

Desligar a voz de quem discorda

Esta violência estatal, dificilmente contida, sob o guarda-chuva democrático, fecha as portas para a entrada de pessoas em alguns países que se sustentam graças à importância dos recursos energéticos, alimentos e matérias-primas dos seus locais de origem. Não é em vão que em África encontramos 24% das terras aráveis do mundo, um terço dos minerais e importantes reservas energéticas. Os países que abrem as suas fronteiras para a entrada de tais riquezas são os mesmos que as fecham ao drama humano produzido pelas multinacionais, governos e senhores da guerra.

Os especialistas alertam para o contraste entre a riqueza do país e o baixo nível de vida dos seus habitantes “a maldição dos recursos naturais”, mas também seria correcto falar da “maldição de alguns vizinhos bastante ingratos”. Da mesma forma, estes territórios são afectados pelas técnicas de extração usadas, a usurpação de terras e a violação contínua dos direitos humanos. Aqueles que ousam defender os seus territórios sofrem duramente com o açoite do capitalismo que não pode existir sem essa desigualdade.

“Não é em vão que em África encontramos 24% das terras aráveis do mundo, um terço dos minerais e importantes reservas energéticas”



Fotografia | © DR

Em 2020 foram assassinados mais de 220 ambientalistas em todo o mundo. As ameaças, perseguições e assassinatos dos defensores da terra na América Latina (habitualmente minorias indígenas) são uma boa prova da violência sistémica que se exerce sobre a voz que discorda. O assassinato de Berta Cáceres, nas Honduras em 2016, foi amplamente conhecido e cuja autoria (demonstrada nos tribunais) residia numa empresa hidroeléctrica.

Mas como se pode consentir esta cadeia de despropósitos? Se é possível identificar a identidade dos responsáveis? Por que a comunidade internacional não actua? É difícil dar uma resposta curta e simples a um problema tão complexo. No entanto, encontramos uma das chaves na rede de informação, formada por agências de notícias e grupos mediáticos que pertencem às grandes multinacionais, cujas ra-

“Apresentam a guerra na Ucrânia, mas não se lembram do Iémen, Afeganistão, Camarões, Etiópia, Moçambique, Síria, Sabra Ocidental ou Palestina”

mificações chegam aos meios regionais de qualquer lugar. Estas agências oferecem uma monovisão do mundo com uma construção muito clara da dicotomia bons-maus e narrativas que branqueiam e legitimam o sistema.

A desigualdade e a pobreza são apresentados como fenómenos fortuitos; ignorando que 1% da população mundial possui 43% da riqueza. Abordam as migrações e esquecem de comentar quais empresas causam a pilhagem que as originam. Falam das missões de democratização da Organização do Tratado Atlântico Norte (OTAN), mas não mostram o estado de devastação em que caíram a Jugoslávia, Iraque, Líbia, Síria, o Afeganistão. Apresentam a guerra na Ucrânia, mas não se lembram do Iémen, Afeganistão, Camarões, Etiópia, Moçambique, Síria, Sahra Ocidental ou Palestina. Falam da COVID-19, ignorando que serviu para que os ricos se tornassem mais ricos. Não reclamam medidas firmes e urgentes perante a actual emergência climática que afectará (como já está a acontecer) as populações mais vulneráveis que ao mesmo tempo, são as que menos contribuem para a deterioração ambiental.

Solidariedade, ecologismo e reeducação informativa

Tomando como marco esta problemática, podemos intuir algumas soluções possíveis. Em primeiro lugar, é importante trabalhar para restabelecer os vínculos com as pessoas e o território, reivindicar e trabalhar o cuidado como forma de resistência e tomar consciência da globalidade dos processos de desigualdade, para estabelecer redes de solidariedade e apoio mútuo entre povos.



Etíopes que fogem da guerra | © YASUYOSHI CHIBA | AFP

Em segundo lugar, fixar a emergência climática como prioridade na agenda de qualquer movimento civil; a situação é insustentável e há muitos processos irreversíveis, mas estamos a tempo de diminuir os seus efeitos. Por último, requer-se uma reeducação mediática que seja salvavidas num momento de produção informativa com claros vencedores: a desinformação e os grandes grupos. Precisamos escutar as vozes dos oprimidos. E, por conseguinte, lembrar que toda a vida conta, se virarmos as costas para uma única vida, viraremos as costas para a VIDA em toda sua plenitude. ●

Texto: *Patricia Luceño*

estórias da história

TODOS SÃO MIGRANTES



A busca de melhores condições de vida como causa de mobilidade não é um fenómeno recente, acontece desde a pré-história, assim como, as alterações climáticas e a fuga à guerra e aos conflitos, impulsionaram deslocações de pessoas por todo o mundo.

A vida do ser humano na terra pautou-se por intensos fluxos migratórios inimagináveis, tendo em conta que inicialmente, as distâncias eram percorridas a pé ou no dorso dos animais, de barco, atravessando oceanos para alcançar outros continentes, tudo isto, muito antes da propalada era colonização.

Sem esta movimentação, dificilmente se povoariam zonas ditas inabitadas e que depois se tornaram impérios, constituídos maioritariamente por migrantes, como é exemplo os Estados Unidos da América, mas este país tem outra particularidade relacionada com o seu repovoamento: o tráfico de escravos, a maior em número e no tempo, migração involuntária da história da humanidade.

Cinco séculos (de 1450 a 1855), estima-se que mais 11 milhões de pessoas foram deslocadas, involuntariamente do continente africano para o americano e europeu. Este fenómeno determinou o mau desenvolvimento de África e ditou o progresso da Europa e da América do Norte, sobretudo, porque além de homens e mulheres robustos e capazes, retirou recursos naturais que continuam a pesar na balança económica dos denominados países desenvolvidos.

O que está intrinsecamente ligado à migração actual, em que se assiste a uma debandada de pessoas que não tendo condições de vida, onde estão ou estabilidade política e militar, vêem-se obrigados a procurar outros lugares para viver. Estas pessoas saem em massa do hemisfério sul ou seja, de África e da América Latina sobretudo, rumo ao norte.

A história recente da migração humana é marcada por bloqueios, manifestações racistas e mortes no mar por afogamento, em terra por inanição, assassinatos perpetrados por redes que exploram migrantes e são maltratados em campos ou centros de “acolhimento”. Aconteceu em Lampedusa, na Itália, Calais, em França, em Lesbos, na Grécia...

Só no primeiro semestre de 2021, a Agência das Nações Unidas para os Refugiados contava mais 26,6 milhões de refugiados e 4,4 milhões pedidos de asilo. Sendo que 2020 foram contabilizados 82,4 milhões de deslocados obrigados a sair dos seus países de origem. Esta massa humana de mulheres, homens e crianças deambola pelo mundo “desenvolvido” com o mesmo instinto de qualquer ser humano desde a pré-história, viver em paz e segurança. ●

figura em destaque

BABA NJAI

“Cheguei sem nada, agora sou empresário”

Está em Angola desde 1991, começou no mercado informal e hoje luta pelos direitos de outros refugiados.



Fotografia: ©DR

“A discriminação contra os refugiados é institucional”

Baba Njai nasceu em 1964, em Koidu, a quarta maior cidade da Serra Leoa, no distrito Kono da Província do Leste. Fugido da guerra civil que assolou o seu país durante 10 anos, migrou para Angola em 1991, depois de ter passado por Cabo Verde. O primogénito de nove irmãos, perdeu os pais durante a guerra civil no seu país. “Perdi muita família, os meus irmãos também fugiram, foram parar a outros países. Aquela guerra bruta, durou pouco tempo, mas matou muita gente”, contou.

Acolhido por um grupo de refugiados, encontrou o seu primeiro emprego no mercado informal. “Cheguei sem nada, sem roupa, sem comida, vi em Angola várias oportunidades. Comecei a vida do zero, me arranjaram um telefone e comecei a fazer chamadas na rua, 50 kwanzas por minuto”. Pouco tempo depois, abriu uma cantina, foi taxista e hoje, empresário. “Cheguei sem nada, agora sou empresário”.

Fora dos negócios, Baba Njai é coordenador geral dos Refugiados em Angola, uma organização que vela pelos direitos dos refugiados no país. O acesso aos documentos, é apontado como a principal dificuldade dos refugiados, “antigamente era fácil, bastava chegar lá e conseguia tratar todos os documentos, actualmente é muito difícil”.

“Há refugiados que estudaram, são engenheiros, agrónomos, mas não conseguem emprego. O problema está nas instituições, por isso digo, a discriminação contra os refugiados é institucional”, denunciou lembrando que “se os refugiados tiverem documentos e conseguirem trabalhar, empregam outras pessoas, pagam imposto e o país é que ganha”.

Casado com uma serra-leonesa há 33 anos e pai de dez filhos, dois nascidos em Angola, o empresário ainda sem certezas quanto ao futuro, perspectiva ficar em Angola. “Daqui não sei se vou sair, é mesmo já o destino, já fiz aqui toda a minha vida, mas vamos deixar tudo nas mãos de Deus”. ●

“Há refugiados que estudaram, são engenheiros, agrónomos, mas não conseguem emprego. O problema está nas instituições...”

Texto: Sara Kambinga

construindo

CONFLUÊNCIAS MIGRATÓRIAS: CASO MÉXICO

Apesar de ser um lugar de origem, passagem e destino de migrantes, o México coloca-se do lado de quem hostiliza migrantes, mas também de quem os defende.

Não existe apenas uma causa/factor de migração. Há uma multicausalidade de processos migratórios que, sem dúvida, adquirem especificidade temporal e espacial nos países de origem, trânsito e destino. Fazendo uso da etnografia como ferramenta que situa os significados e o contexto, este texto procura dar conta de alguns perfis de migração em Tapachula, Chiapas, no México.

Nas décadas de 1970 e 1980, a migração nos países da América Central foi impulsionada predominantemente pela instabilidade política, para depois dar lugar nos anos 1990, a uma nova era em que os factores económicos tornaram-se o principal incentivo para os movimentos migratórios internacionais.

Actualmente, a região ainda vive grandes movimentos migratórios, com mais de 100 mil pessoas de origem centro-americana que entra nos Estados Unidos da América (EUA) a cada ano, muitas delas de forma irregular.

Existem alguns espaços da América Central (Guatemala, Honduras e El Salvador) que estão em debate – há muito tempo – num cenário complexo, onde política e história interagem por detrás de múltiplos encontros e desentendimentos. A maioria das populações centro-americanas sofre com a pobreza, a injustiça social, a violência sistémica e as desigualda-

des que se reflectem em processos de insegurança, um território em disputa pelo narcotráfico, gangues e pelo poder político, o que tornou impossível para muitas pessoas uma vida nos seus países de origem, obrigando-as a migrar de forma forçada.

Por outras palavras, o processo migratório tornou-se mais complexo a ponto de atingir, em determinados momentos e para determinados fluxos migratórios,

“Encontros virtuais que demonstram que não existe tecnologia sem governo e que a tecnologia como a que se conhece hoje, está longe de ser apenas utilitária”



Fotografia: © DR

proporções equiparadas às crises migratórias. Diante deste contexto, é importante perguntar: Quais são os perfis das pessoas nos processos migratórios? Quais são os quadros de acção política para os migrantes nos países de destino ou trânsito? E quais as perspectivas perante estes marcos de acção política?

O México tem um papel estratégico na questão migratória devido à sua posição geográfica, que o torna um país de origem, trânsito, destino e, actualmente, de retorno. O Soconusco é uma das regiões mais importantes do México, pois é um lugar geoestratégico, onde ocorre a maioria das trocas comerciais transfronteiriças e os processos de integração económica são dinâmicos, rápidos e estruturados. A cidade de Tapachula, Chiapas, a chamada "pérola de Soconusco", é um espaço conhecido por vários migrantes da América Central, do Caribe e nacionalidades extracontinentais (africanos e asiáticos).

Nesta cidade, diversos actores sociais contribuem para a defesa, proteção e reconhecimento dos direitos dos migrantes e têm uma relevância fundamental, pois realizam acções que são da responsabilidade das instituições da administração pública, isto é, estritamente falando, no caso mexicano, devido aos marcos legais e internacionais - implementam políticas de proteção dos direitos humanos nos vários aspectos da mobilidade humana, para citar alguns,

a partir da observação empírica: apoio psicossocial e jurídico aos requerentes de asilo, ajuda humanitária, acompanhamento e observação em estações de migração, entre outros.

Com relação a estas características pode-se enunciar abrigos, refeitórios estrategicamente distribuídos ao longo da rota migratória da

Guatemala e do México. É importante reconhecer que o trabalho lembra que a hospitalidade é uma prática social presente ao longo da história da humanidade, que não se refere apenas ao acolhimento e proteção, mas vai além da ajuda e da solidariedade; Tem a ver com um profundo sentido político, social e cultural, bem como um sentido de comunidade, pois permite gerar e desenvolver comunidade a partir do olhar para o outro (migrante ou estrangeiro) como igual.

“Encontros virtuais que demonstram que não existe tecnologia sem governo e que a tecnologia como a que se conhece hoje, está longe de ser apenas utilitária”

*construindo***CONFLUÊNCIAS MIGRATÓRIAS: CASO MÉXICO****Segurança nacional:
Criminalização da migração**

O presidente Andrés Manuel López Obrador (AMLO) assumiu a presidência em 2018, herdando uma política de imigração baseada em prisões e deportações, no caso o Programa Fronteira Sul, instituído em 2014. Cinco meses após assumir a presidência, o seu gabinete apresentou o Plano Nacional de Desenvolvimento 2018-2024, com 64 páginas e apenas três voltadas para a migração, intitulada: “Migração : soluções de raiz”, basicamente o plano sugere que o México colabore com os EUA e os países da América Central para encontrar soluções para os problemas migratórios, mas com uma perspectiva de direitos humanos, desenvolvimento social e económico.

Entretanto, nada do que foi dito foi executado, pelo contrário, os efeitos das políticas de imigração no México no governo AMLO, tiveram um impacto profundo nas relações regionais no México entre agências governamentais, organizações da sociedade civil, cidadãos mexicanos e migrantes centro-americanos, sem esquecer que isto continua a ser resquício do Trumpismo. E antes fazem lembrar que durante o seu primeiro ano no cargo, AMLO também deixou claro que não queria confronto e em termos de migração, é o que orienta actualmente a política migratória mexicana.

“ As prisões, deportações e graves violações de direitos humanos intensificaram-se nos últimos anos, devido à política de controle de imigração do Estado mexicano ”

O México manteve relações estáveis com os Estados Unidos. Quando Trump ainda era presidente e na sua conta do Twitter expressou repetidamente apoio ao governo mexicano: “O México está a fazer um trabalho muito melhor do que os democratas na fronteira. Obrigado, México! ”, escreveu Donald Trump. Agora com Joe Biden, o que esperar em termos de imigração?



A agenda bilateral e as migrações

O programa: Protocolos de Proteção aos Migrantes (MPP), estabelecido em 2019, pelo então presidente, Donald Trump, permitiu que os Estados Unidos enviassem cerca de 70 mil requerentes de asilo para o México para aguardarem a sua nomeação perante os tribunais americanos.

Durante os primeiros seis meses de posse da presidência, Joe Biden “encerrou” essa política, no entanto, um tribunal federal do Texas ordenou que fosse reiniciada, considerando que o governo a encerrou indevidamente.

Sem mais delongas, e por questões de espaço, basicamente o governo Biden está a implementar uma série de políticas para desencorajar a migração irregular, enquanto “promove caminhos seguros, ordenados e humanos. Portanto, a actual política de migração no México (que dá face aos acordos com os EUA) baseia-se na segurança nacional (dos Estados Unidos?), criminalizando a migração, mas também aqueles que a defendem, sejam organizações civis, colectivos, abrigos, etc. Como refere a professora Bishnupriya Ghosh “o direito internacional dos direitos humanos não foi articulado e robusto o suficiente para defender seus direitos”.

Pelo exposto, no escritos da universidade Ibero destaca-se que os “defensores de direitos humanos de migrantes (que) denunciam uma ampla variedade de abusos perpetrados contra as suas organizações por actores governamentais e não governamentais”. E sobre os migrantes: As prisões, deportações e graves violações de direitos humanos intensificaram-se nos últimos anos, devido à política de controle de imigração do Estado mexicano [...] migrantes e refugiados continuam a ser detidos, privados de liberdade em centros fechados quer sejam da imigração ou do sistema de proteção infantil[...]. O anterior, derivado do estabelecimento de medidas punitivas em matéria migratória pelo governo mexicano que se visualiza no reforço do controle fronteiriço, particularmente no sul do país, a criação da Guarda Nacional – e suas ações em matéria migratória [...]”.



Mitigação do risco

As Caravanas, além de serem uma estratégia para viajar com menos riscos, são o resultado da realidade de que Honduras, El Salvador e Guatemala vivem e da qual fogem, tirando as migrações do esconderijo. Enquanto escrevo estas linhas, do privilégio de ter um tecto, um lugar confortável para pensar nas migrações, no contexto das novas caravanas de migrantes que surgem em Tapachula, Chiapas; A América Latina continua a ser uma das regiões mais desiguais do mundo. Compreende-se que a militarização é uma resposta contrária aos direitos humanos e incentiva a criminalização de pessoas em situação de mobilidade. E recomenda-se a interrupção imediata da colaboração do governo mexicano com o norte-americano em relação ao MPP, bem como garantir a segurança e integridade física de todos os solicitantes de refúgio que foram enviados ao México sob este protocolo. ●

Texto: *Mandele Rocha*

entrevista

NEIDE LAMPERTI

“O PRECONCEITO COM A PESSOA REFUGIADA AINDA É GRANDE”



Fotografia: ©Bunga Filipe

A Comissão Episcopal da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes (CEPAMI) tenta combater a estigmatização do refugiado e migrante há 16 anos.

*Porque escolheram o tema para 2022:
“Construir o Futuro com os Migrantes e
Refugiados”?*

Este tema pretende evidenciar o que todos somos chamados a colocar em prática para construir um futuro que responda ao projecto de Deus sem ex-

cluir ninguém. O dicastério sublinha: ‘Construir’ e ‘com’ e segundo a mensagem do Papa Francisco, significam “reconhecer e promover a contribuição dos migrantes e refugiados na construção do futuro porque só assim, será possível construir um mundo que garanta as condições para o desenvolvimento humano integral de todos”.

Que desafios prevêem nesta construção inclusiva?

É preciso olhar para Angola e ver o que mudou depois da chegada dos migrantes e refugiados. E mudou muita coisa, tanto migrante como refugiado, trazem riquezas e sabedoria, há pessoas muito capacitadas com formação superior, muitos são médicos, enfermeiros, engenheiros, professores, costureiros...

Os migrantes e refugiados em Angola não são valorizados?

Um dos nossos desafios tem sido consciencializar a comunidade do valor do migrante e refugiado, não são um problema e sim, podem ajudar-nos a reconstruir a paz e a segurança na sociedade, mas é preciso implementar políticas inclusivas e não políticas que expulsam os migrantes de Angola. É preciso que todos estejam documentados, tanto os migrantes ricos como os pobres.

Porquê os pobres não estão?

Quem vem já com riqueza, trabalho, tem facilidade, vistos, já os pobres não têm acesso a essa documentação. Os mais pobres são invisibilizados pela sociedade, sobretudo mulheres e crianças migrantes e refugiadas, é como se não existissem, há discriminação de género, raça, classe social e de nacionalidade.

Há diferença no tratamento de refugiados e migrantes?

A CEPAMI atende, principalmente, os mais vulneráveis, os refugiados e presta assistência alimentar, medicamentosa, vestuário, cursos profissionalizantes, pagamento de rendas, viagens...

Já os migrantes que têm documentação, estão mais tranquilos e seguros. Os refugiados fugiram da sua terra têm uma história muito mais dolorosa e em Angola, a maioria, passa por dificuldades extremas, não consegue desenvolver por falta de documentos. Não há um refugiado em Angola, que chegou antes de 2017, com documentação válida, estão caducados há muito tempo, pois o órgão emissor deixou de fazê-lo desde 2015 e o novo órgão, legalmente constituído, ainda não está a funcionar.

De onde vem a maioria dos refugiados e migrantes? E o que os levou a saírem dos seus países?

Há 56.297 refugiados e requerentes de asilo 656, em Angola, conforme os dados do ACNUR. O Serviço de Migração e Estrangeiros (SME) não fornece o registo ou não tem o número actualizado dos migrantes e refugiados.

A maioria dos refugiados é da República Democrática do Congo, (23.546), da Guiné Conacri, Costa do Marfim, Mauritânia, Somália, Serra Leoa, Eritreia, Chade, Ruanda, Libéria... O que os leva a sair dos seus países, geralmente são as guerras, conflitos políticos, étnicos, situações económicas, as perseguições políticas, desastres naturais, assim como, os nossos irmãos do sul de Angola fugiram por causa da fome e da seca.

entrevista

NEIDE LAMPERTI

SECRETÁRIA EXECUTIVA DA CEPAMI

Em que localidades há maior concentração de refugiados?

O Lóvua é o assentamento que teve a partir de 2017, cerca de 9000 refugiados e ainda lá permanecem, cerca de 6000 pessoas, os restantes 3000 estão espalhados pela Lunda Norte, segundo os últimos dados. Mas a maior concentração de refugiados está em Luanda, onde se juntam também os requerentes de asilo, diferentes dos refugiados, vieram pedir asilo e o caso ainda está em estudo e pela demora, ficarão eternamente como requerentes de asilo, até o governo decidir resolver esta situação.

Luanda tem 38.282 refugiados, concentrados no Bairro Popular, Viana – Sanzala e Hoji-Ya-Henda. E temos em menor número, refugiados no Moxico, Lunda Sul, Malanje, Lunda Norte, Bengo, Cuanza Sul, Cuanza Norte, Uíge, Zaire, Bié, Cunene, Huambo e Cabinda.

“ O governo precisa conceder com urgência, documentos válidos a todos aqueles que estão em situação administrativa irregular em Angola ”

Há condições para criar políticas públicas que assegurem a dignidade dos refugiados e migrantes?

Em 2016, a CEPAMI criou a Rede de Proteção ao Migrante e Refugiado, que actualmente, conta com 13 organizações, justamente com este intuito de somar forças e dar uma assistência mais segura. Em conjunto, organizamos conferências e debates com temas relacionados com as leis migratórias, pactos globais de migração segura, ordenada e regulada, saúde dos refugiados, chamando a atenção do governo para criar essas políticas públicas que defendam, protejam e integrem os migrantes e refugiados.

Como avalia a cooperação da CEPAMI com o SME?

Em todas as conferências convidamo-los e há um apelo constante para que os agentes de migração dêem um tratamento digno, humano e empático. A CEPAMI tem vindo a realizar formações nas províncias, sobretudo para a Polícia de Migração e Estrangeiros, Polícia de Guarda-fronteira, Bombeiros, Polícia Nacional, todas as categorias da polícia e autoridades tradicionais.

Constituiu-se um grupo técnico da rede para averiguar o processo de cessação dos refugiados da Serra Leoa, Libéria e Ruanda. Este grupo reuniu-se com os líderes das comunidades envolvidas, com o coordenador nacional dos refugiados e outras organizações competentes, tentou-se audiências com o SME, mas sem sucesso. Nestes encontros percebeu-se que havia muitas irregularidades, por isso decidiu-se publicar uma Nota Pública de repúdio à condução do processo de cessação, por se entender que algumas situações humanitárias não foram acauteladas.

O que faz o CEPAMI para ultrapassar o estigma em relação ao refugiado?

Procuramos tratar todas as pessoas da forma igual, porém, percebemos que há muito preconceito com os refugiados que seguem o islão, por exemplo. Em Angola, o preconceito com a pessoa refugiada ainda é grande. As pessoas que têm preconceito contra os refugiados não sabem que a situação ou a categoria de refugiado não é para sempre, a pessoa não pode ser refugiada a vida toda... tem direito a documentação, a proteção e a reconstruir a sua vida.

entrevista

NEIDE LAMPERTI

SECRETÁRIA EXECUTIVA DA CEPAMI

Quanto tempo demora a obtenção de documentos?

Não entendemos porquê tanta demora... São seres humanos, temos refugiados em Angola com documentação expirada há mais de 15 ou 20 anos.

E como se está a situação dos filhos de refugiados que não estudam por falta de documentação?

A CEPAMI tenta oferecer algumas aulas a estas crianças, em alguns bairros, mas não é o mesmo que frequentar o ensino regular a que têm direito. São crianças indocumentadas, apátridas, sem registo civil... A CEPAMI tem vindo a questionar até mesmo as organizações competentes, mas parece que não se dá importância a esta categoria de pessoas e nada se faz.

Há algum pronunciamento do SME quanto a este fenómeno?

Só promessas. Estou em Angola há 11 anos e escuto os mesmos discursos: 'Isto será resolvido', mas até hoje nada foi feito...

Já receberam denúncias de refugiados ou migrantes que foram interpelados pela polícia por

A todo o momento. Há muitos refugiados presos por falta de documentos e são confundidos, não têm nenhum documento como saber se é um refugiado ou migrante que entrou em situação administrativa irregular?

“Em Angola, o preconceito com a pessoa refugiada ainda é grande”

Neide Lamperti, em missão há quase três décadas, pela ordem das Irmãs Missionárias Scalabrinianas.



Desde que iniciaram o trabalho pelos direitos dos Migrantes e Refugiados, quais as principais conquistas e as maiores dificuldades encontradas?

A CEPAMI, nestes 16 anos, conquistou muitos espaços, na Igreja e sociedade. Em todas as dioceses temos a pastoral organizada, atendendo de alguma forma as pessoas migrantes e refugiadas. Com formações diversas, projectos sociais implementados em muitas dioceses de Angola.

Muitos conseguiram melhorar a vida, reconstruíram as suas vidas e as suas histórias a partir do trabalho que a própria CEPAMI tem implementado e a nível da sociedade, conseguimos trabalhar em conjunto com Ministério da Justiça, com a Polícia e outros.

O que pode e deve o governo fazer para melhorar a situação dos migrantes e refugiados no país?

O governo precisa conceder com urgência, documentos válidos a todos aqueles que estão em situação administrativa irregular em Angola. Não podemos só expulsá-los do país, precisamos conceder documentos a pessoas que estão aqui há muito tempo.

O país precisa entender que o migrante não é um problema, mas uma pessoa que tem capacidades e precisa ser acolhida, protegida e respeitada para poder viver com dignidade e igualdade de direitos. ●

Texto: Bunga Felipe e Mandele Rocha

reflectindo

O MEDO DO OUTRO

Ao buscar no Google a palavra medo, surgem 4,231,637 definições e se escrevermos medo do outro (nome deste artigo) o número passa a ser de 2,814,867, sendo a metade não deixa de surpreender.

Será que o facto de viver num mundo, onde é cada vez mais frequente a mobilização das pessoas de um lugar para o outro, por diferentes motivos, tais como, a guerra, a mudança climática, a perseguição política, a busca de melhores condições de vida ou simplesmente por turismo; mobilização que é feita em condições diversas e que muitas vezes, distam anos luz umas de outras, pois todos nós nos lembramos daquelas imagens dos botes no mediterrâneo ou das longas “peregrinações” de tantos e tantas migrantes para entrar nos “nortes deste mundo” ou aqueles grandes cruzeiros que prometem viagens de sonho para quem pode pagar; será que toda esta mobilização terá levado a fomentar o medo do outro? Mas de que outro falamos? Aquele que tem a cor de pele diferente da minha? Aquele que fala e pensa de forma diferente? Aquele que traz consigo apenas uma mochila com alguma recordação pessoal? Mas todos eles trazem consigo a sua história, as suas aprendizagens, os seus conhecimentos, no fundo, a sua vida; no entanto, e como reza uma consigna dos movimentos organizados de pessoas migrantes e refugiadas, às vezes “nos nortes deste mundo” não é fácil reconhecer nem aceitar que “esperavam mãos para trabalhar e chegaram pessoas”.

Somos educados para nos relacionarmos com os outros, sendo que qualquer outro é diferente de mim, mas então, de onde vem o medo? O que faz surgir esse medo? Tenho pensado que, quando nos encontramos com o OUTRO é quando conseguimos perceber melhor quem somos nós e isto pode provocar algum receio, não do outro se não de nós próprios. O medo do outro é no fundo a não aceitação de nós próprios, a não aceitação que existem mais formas de ser e estar, que o mundo não inicia nem acaba em nós. Quanta inocência em nós quando pensamos que tudo no mundo gira à nossa volta e segundo as nossas normas e costumes, como diz o escritor peruano, Ciro Alegría, “o mundo é largo e alheio”.





Fotografia: ©DR

Também é bem verdade que o outro do qual tenho medo é o mais semelhante a mim, dificilmente teremos medo dos outros que aparecem nas capas de revista ou nos holofotes da televisão, o nosso medo é daquele outro que tal como eu, é de carne e osso e está próximo de mim, os meus olhos não vêem um companheiro de caminho, vêem o inimigo que pode tirar o meu lugar no mundo. O nosso medo do OUTRO põe em evidência a nossa resistência em sair do nosso lugar de conforto, da nossa segurança, mas quanto perdemos por fazer isto, quando deixamos que a vida passe pelas nossas mãos tipo água que corre. Penso que o medo do outro está asso-

“O medo do outro é no fundo a não aceitação de nós próprios, a não aceitação que existem mais formas de ser e estar, que o mundo não inicia nem acaba em nós”

ciado à condição económica e social, os ricos têm medo dos pobres, os brancos têm medo dos negros, os nativos têm medo dos estrangeiros e vice-versa, um medo do tipo - esse outro vai tirar alguma coisa que me pertence. Mas por acaso, não somos todos nós “estrangeiros neste mundo”?!

O medo do outro impede-nos de nos vermos tal como somos, de ver nos olhos do outro o nosso próprio rosto. Quando temos medo do outro olhamos sem ver, ouvimos sem escutar e compreender, no fundo renunciamos à nossa humanidade, a nossa capacidade de relacionar, de criar laços. O medo do outro aparece muitas vezes como uma resposta a um conjunto de mensagens que de forma consciente ou não entra na nossa vida e nos diz “cuidado, o outro, o diferente é um inimigo”, parece mentira, mas estamos mais predispostos a acreditar no que diz Hobbes “o homem é o lobo do próprio homem” do que em pensar e construir desde a diversidade e a diferença. Preferimos a uniformidade e o unicolor a deixar-nos visitar e questionar pela multiplicidade de formas, de cores, de pensamentos que habitam o nosso mundo, porque no fundo, não somos cada um de nós o outro de alguém?

Você deve acreditar que o mundo à sua volta não é algo “dado” e definitivo, que é possível transformá-lo e que você mesmo pode ser alterado ao se dedicar à tarefa de mudá-lo. ●

Texto: Cecília Prudêncio